

UMA NAÇÃO QUE JÁ EXISTE

Continuamos neste número a comunicação apresentada por Fátima Mendonça, professora de Literatura na Universidade Eduardo Mondlane, durante o encontro dos cinco países de Língua Oficial Portuguesa realizado nos finais de 1984 em Paris.

Esta comunicação tem como título «O Conceito de Nação em José Craveirinha, Rui Knopfli e Sérgio Vieira». A primeira parte foi dedicada a José Craveirinha seguindo-se agora a parte referente a Rui Knopfli.

(2.^a PARTE)

É hoje flagrante que o percurso poético de um poeta como Rui Knopfli não tem a clareza do de Craveirinha, o que obviamente o não expulsa da literatura moçambicana por muito que ele próprio o deseje e o afirme. Não é pela sua ambiguidade ou pela realidade que projecta que Knopfli deixa de ser um poeta moçambicano, mas certamente também não é o poeta que se afirma em termos nacionais, embora inicialmente alguma da sua poesia o fizesse supor e até se pudesse colocar em paralelo com a de José Craveirinha.

Desde o seu primeiro livro «O País dos Outros» (1959) até «Mangas Verdes com Sal» (1969) pode-se observar em Rui Knopfli a constante preocupação em atingir uma escrita depurada, palavra burilada e, tal como Craveirinha, criativa e neológica. Mas esta tendência — não gostaríamos de dizer — «esteticista» do poeta, não remete para uma gratuidade de discurso ainda que certas afirmações suas o façam supor. Dizia Rui Knopfli em 1972 (entrevista à Revista Tempo aquando da reedição «de Mangas Verdes com Sal»: «Nós vivemos aqui (em Moçambique) uma realidade extremamente entre dois pólos e, no espaço compreendido entre eles cabe um sem número de degradações. Aí, algures em silêncio, habita uma voz que é a tolerância o do bom senso, que procura olhar em redor sem preconceitos e despida de juízes apriorísticos, que quer reclamar-se da inocência e da objectividade. É a ela que me tenho esforçado por dar corpo, mesmo que o preço e o risco valham a solidão e o isolamento em que incorre quem se descompromete da coesão das diversas seitas».

Contrariamente a Craveirinha, que se afirma comprometido com o real circundante, Knopfli pretende-se inocente e Objectivo. No entanto, se percorrermos na história a distância temporal que separa «O País dos Outros» de «Mangas Verdes com Sal», se relacionarmos esse tempo com o que a palavra bem ajustada de Knopfli nos sugere, não é inocência nem objectividade o resultado.

Em 1959, ainda a aparente tranquilidade que se vivia em Moçambique permitia que toda uma camada oriunda de colonos portugueses,

mas nascida no país, pudesse dizer «Europeu me dizem/eivam-se de literatura e doutrinas europeias/e europeu me chamam/não sei se o que escrevo tem a raiz, de algum pensamento europeu/é provável... Não. É certo/mas africano sou/Pulsa-me o coração ao ritmo dolente /desta luz e deste quebrante/Trago no sangue uma amplidão de coordenadas geográficas e mar índico/Rosas não me dizem nada/caso-me mais à agrura das micaias/e ao silêncio longo e roxo das tardes/com gritos de aves estranhas.

Mas, em 1969, a realidade moçambicana é outra. Operaram-se profundas transformações na resistência ao colonialismo. O que era fervilhar latente em 1959 torna-se luta, luta real entre dois pólos inconciliáveis. Como ser objectivo? Como ser inocente? O indivíduo o diz mas — e aqui reclamamo-nos de Valery — «O homem que fez a obra não é o homem que a obra faz supor.» Na sua escrita Knopfli dá efectivamente corpo a uma voz, mas ela não é a voz da tolerância. Knopfli assume — e em nossa opinião é essa a espinha dorsal da sua poesia — a consciência do próprio opressor, reproduzindo-a, tentando denunciá-la e denunciando-se masoquisticamente. Eugénio Lisboa, um dos críticos que mais entusiasticamente acolheu a obra Knopfli diz «a poesia de Rui Knopfli chegada depois das vozes declamatórias, indignadas ou simplesmente queixosas de um José Craveirinha ou de um Orlando Mendes, vinha dizer-nos com modo dorido que não era possível outro discurso que fosse o mais adequado a uma visão um tanto crepuscular.

Pensamos que Lisboa ao aproximar desta forma Craveirinha e Knopfli escamoteia o seu real distanciamento. O Universo de Knopfli por vezes é o mesmo do de Craveirinha, mas um e outro colocados em pontos diferentes. E nem a temática que nalguns casos tenta abordar os aproxima. Knopfli parece assumir resignadamente, conscientemente a herança de um passado a que está ligado.

Inserida num permanente pessimismo, na angústia, no acirrado das palavras, não cabe na sua poesia espaço para a esperança que a afirmação nacional produz em Craveirinha. E, se recordamos aquilo que pareceu ser de início

a sua natural tendência concluiremos que quer dizer rios seiva sangue ebuliente/veias artérias vivificadas/dessa Virgem morena e impaciente/
/minha terra nossa mãe/é diferente de dizer «E ao som másculo dos tantãs tribais o eros/
/do meu grito fecunda o húmus dos navios negreiros/E ergo no equinócio da minha Terra/
/o Moçambicano rubi no nosso mais belo canto xi-ronga.

A poesia de Rui Knopfli tem um lugar na literatura moçambicana escrita; lugar que servirá para melhor se compreender e explicar o processo lento da evolução ideológica da pequena burguesia, ainda não terminado. Ela reflecte as contradições de uma classe que, sempre receosa do papel determinante das massas populares, evita até ao fim tomar partido. O Universo poético de Rui Knopfli, oscilando entre as micaias africanas e o vinho português, projecta ele também, a profecia da destruição de uma realidade que é afinal a única que o poeta consegue captar. Longe de ser a voz da tolerância, da inocência, como pretendia Knopfli, tal como Craveirinha, toma partido. Diferente, mas toma. Plasma-se lentamente nos descantos e temores de uma camada socialmente híbrida,

desembocando desoladamente nesse roteiro do passado, nessa descida aos infernos a que, não certamente por acaso, bem simbolicamente, chamou Ilha de Próspero. Porque Caliban são os outros de quem o poeta, autoflagelando-se se distanciou definitivamente. É desta forma que se assiste, durante toda a década de 60 e inícios de 70 a uma actividade literária nas cidades, que, se excluirmos a produção de propaganda colonial-fascista de que Guilherme de Melo é representante, oscila quase permanentemente entre dois pólos: por um lado a afirmação nacionalista comprometida que Craveirinha representa e de que não podemos excluir nomes como os de Nogar (embora com escassa publicação), Orlando Mendes (em certos aspectos da sua longa persistente obra) e Sebastião Alba (de forma condensada mas não menos representativa); por outro uma poesia sem comprometimento com o projecto de identificação nacional, que reflecte toda uma visão do mundo que vai do gosto paternalista pelo exótico da Glória de Sant'Anna (o que não lhe retira o mérito artístico) à angústia obsessiva de Lourenço de Carvalho.

(Continua)